



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

MINHA TERRA TEM PALMEIRAS AS QUAIS HOJE PLANTO EU CÁ

Arthur Moreira Machado

Rio de Janeiro
2022

ARTHUR MOREIRA MACHADO

MINHA TERRA TEM PALMEIRAS AS QUAIS HOJE PLANTO EU CÁ

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Anabelle Loivos Considera

RIO DE JANEIRO
2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais e familiares mais próximos que sempre incentivaram e deram o suporte e o incentivo necessários para que meus passos não fossem em falso. Agradeço também aos meus companheiros de faculdade, em especial à Fernanda Mara, que se tornou muito mais do que uma colega, minha parceira de vida. Por fim, um agradecimento especial para todos os professores dos quais fui aluno na escola e na graduação. Dedico este trabalho à memória de Silas Barros Pereira. Ilustre docente que é, talvez, o principal responsável por minha inclinação à docência. Que esteja em bom lugar.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

ARTHUR MOREIRA MACHADO
DRE: 116012163

MINHA TERRA TEM PALMEIRAS AS QUAIS HOJE PLANTO EU CÁ:
UM PANORAMA ACERCA DA TRANSIÇÃO DO DISCENTE PARA O
DOCENTE E O OLHAR SOBRE AS QUESTÕES QUE ENVOLVEM A LEITURA
EM SALA DE AULA.

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Anabelle Loivos Considera – Presidente da Banca Examinadora
Profª. Drª. Faculdade de Educação – UFRJ

NOTA: _____

Erivelto da Silva Reis
Prof. Dr. Faculdade de Educação – UFRJ

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores:

RESUMO:

Este trabalho procura investigar as múltiplas camadas e dimensões pelas quais se estende o fazer docente do profissional de Língua Portuguesa. A partir do olhar de teóricos e pesquisadores, é traçado um panorama que possa explicar e explorar a importância de tarefas e atribuições que fazem parte das atividades de incentivo à leitura e também analisar possíveis proposições. São lançados olhares para todas as partes da relação de ensino e aprendizagem: desde a elaboração do currículo até a percepção do estudante – passando pela participação do docente, o material didático e levando em conta fatores externos à sala de aula.

Palavras-chave: Docência. Literatura. Práticas Pedagógicas. Ensino. Intertextualidade.

Sumário

Introdução	7
O papel em que se inscreve	9
O Vestibular como norte	10
Os desdobramentos.	11
Sou professor. E agora?	12
Traçando rotas para “um sonho intenso, um raio vívido”	15
Proposição	18
A postura do professor enquanto fator ativo.	19
Considerações finais	23

1. Introdução

O presente trabalho tem caráter conclusivo em relação ao curso de graduação em que se inscreve, mas possui, ainda, pressuposições e pontos de partida ancorados muitos anos antes do início do ciclo o qual encerra. O fito deste texto é analisar as performances de leitura de textos literários em sala de aula e defender esse processo como um momento crucial para encorpar escritos seculares e transmitir emoções e sensações que seus escritores propunham em suas linhas. Mais do que isso, um processo de entrega do leitor para a obra à sua frente também é fenômeno cativante e auxilia no processo de reverberação e permanência dos textos literários frente a uma realidade que se apressa cada vez mais tão dinâmica e imediatista e caminha na contramão do que representam as leituras de grandes obras, demandando tempo e dedicação para compreender raciocínios e linguagens a cada ano mais distantes.

Em um olhar voltado para a figura do professor, cabe ressaltar que na obra *A educação na Cidade*, conforme afirmado por Freire, 1991, p. 58, ninguém começa a ser professor numa terça-feira às quatro horas da tarde; e é nessa ideia que este texto se ancora: no primeiro momento em que a profissão se colocou para mim, de maneira efervescente, quando o homem por trás dos óculos, como no poema de Drummond, fez-se flutuar até persuadir-me e fazer de mim um *aedo* de sua voz.

Este bloco opera como memorabilia precursora, fundamental para que traçasse o arco entre discente e docente, aterrissando à frente da sala. Pauto-me na leitura passional de um poema que foi a fagulha necessária para essa combustão. E, não por acaso, as figuras de linguagem já empregadas prestam, também, homenagens ao momento citado. O ritmo, a métrica e todo o estupor onírico são causados pela verdade e pela entrega de um profissional no quadragésimo sétimo ano de magistério. Todas as nuances comportamentais, a conduta avessa a faltas e as singelas recompensas constroem o plano de fundo destes parágrafos.

Portanto, a dinâmica de leitura performática, prescrita para tantos estudantes de licenciatura, é carro-chefe de toda a reflexão doravante discorrida. A interpretação rítmica, sem constrangimentos ou interrupções é uma força transformadora e que chama a atenção até mesmo dos discentes menos aplicados.

Consonante ao exposto, Dauster (1997) afirma, em seu artigo "Um saber de fronteira – entre a Antropologia e a Educação", que a Educação apropria-se em seu curso de saberes

como a filosofia, a psicologia e a história em suas práticas, evidenciando que esse campo é nutrido e atualizado por diferentes segmentos e áreas do conhecimento. A autora ainda defende uma posição que leve em conta fatores antropológicos, pois um educador, em sua vivência, pode-se valer desses conhecimentos de estratificação da sociedade para abranger os patrimônios culturais envolvidos em sua rotina e multiplicar visões acerca de um mesmo assunto, pluralizando sua práxis e permitindo a seus discentes um momento mais aproximado da realidade que lhes encontrará a partir do portão da escola.

Como texto-base, temos o poema “Violões que Choram”, de Cruz e Sousa, que representa uma das grandes e mais marcantes obras do Simbolismo. Essa seleção se justifica pela proliferação de figuras de linguagem de diferentes tipos, abordando várias características muito relevantes que uma poesia pode ter.

Abrindo o escopo deste trabalho para abarcar, doravante, a realidade factual das salas de aula brasileiras, pode-se inferir como lugar-comum para egressos ou estudantes que a leitura tem, gradativamente, se tornado algo cansativo, massante e inacessível. As obras de séculos anteriores e que, naturalmente, preservam vocabulários e estruturas sintáticas e morfológicas pouco usuais hodiernamente têm sido confrontadas com as linguagens atuais e todo o seu dinamismo e recursividade. Com as redes sociais, a recepção de conteúdos somente literários, ou mesmo simplesmente escritos, é um desafio que se mostra crescente e preocupante. O cânone já secular não é tido como uma espécie de desafio a ser cumprido, provocando o brio dos estudantes a darem conta de sua leitura, mas sim como um calhamaço cansativo, pouco compreensível e que pouco se conecta à realidade cotidiana, tanto pela diferença nos costumes quanto pelo tempo de leitura que demanda.

Desse modo, deflagra-se a urgente necessidade de adentrar essa questão e democratizar tanto a discussão como as possibilidades de resolvê-la. Como mencionado, um dos pontos mais recorrentes nas críticas feitas à disciplina de Literatura é a questão do tempo. Obras mais densas e que requerem reflexões tanto sobre a forma quanto sobre seu conteúdo são as que mais sofrem o efeito da rejeição por parte dos alunos, evidentemente. Porém, o que se tem visto com o trabalho pedagógico mesmo em torno de obras mais modernas e enxutas é reflexo de um projeto de apostilamento que tem ganhado território, pois se molda nos formatos mercadológicos, hoje, predominantes em grande parte das escolas. Os resumos de obras são os representantes dessa celeridade dentro do campo das Literaturas. Docentes, por escolha própria ou por imposição de superiores ou de determinações de uma rede extensa, não utilizam o livro adotado em sua integralidade, pedindo que seus discentes o leiam individualmente ou em grupo para que trabalhem o enredo dentro de sala. O que há, nas mais

diversas instituições de natureza pública ou privada, é o uso de tomos e compêndios resumitivos que são utilizados para representar movimentos literários quase que inteiramente, numa perspectiva bastante reducionista do alcance artístico dessas obras. É lógico que o uso de contos, crônicas e gêneros textuais mais curtos também são recursos mais versáteis para se trabalhar com um cronograma apertado – e, de fato, são utilizados nesse sentido –, mas em casos de grandes clássicos nacionais ou estrangeiros é comum que sejam abordados através de resumos encontrados na internet.

Com essa metodologia, pode-se pensar que os alunos teriam "conhecimento" de vieses básicos de mais obras, possibilitando a eles desenvolver noções rápidas sobre uma gama mais plural de títulos, estilos e autores e facilitando na compreensão das mudanças e características de obras literárias de diferentes épocas e circunstâncias. Por outro lado, esse manejo pedagógico também superficializa textos e simplifica traços de maneira quase irreparável na formação cidadã e leitora desses estudantes. Obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Os Sertões*, *Grande Sertão: Veredas* ou ainda as mais modernas como publicações de Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade acabam sendo enxugadas de toda a magnitude que carregam e perdem grande parte de suas especificidades, justamente as que as fizeram estar onde estão no cenário literário nacional. A problemática está posta: se dá à medida em que se oferece um oceano de conhecimento com um palmo de profundidade. E, sendo assim, o objetivo deste texto é questionar algumas das abordagens mais populares em sala de aula, sem deixar de reconhecer suas qualidades e virtudes, de forma a lançar um olhar mais objetivo, crítico e sensível às questões e demandas que surgiram e que surgem efervescentemente no cotidiano das escolas.

2. O papel em que se inscreve

Estabelecendo como primeira linha de observação, cabe evocar Bunzen (2001), em sua afirmação de que a introdução das apostilas como substitutas do livro didático deve-se ao desenvolvimento do ensino privado e ao descaso do Estado em relação à educação em geral. Dando seguimento a críticas feitas por vários escritores, Bunzen se dedica a uma análise comparativa entre o livro didático e as apostilas escolares, a fim de verificar de que maneira se compreendem os efeitos que isso provoca no dia-a-dia daqueles que aprenderão (também)

por meio desses tomos. E, conforme se adentram as páginas dessas publicações, acaba-se simultaneamente conhecendo os capítulos da história da educação com os quais essas ferramentas se relacionam.

O modelo de aula privilegiado nessas circunstâncias diz respeito aos modelos utilizados no ambiente educacional hodiernamente: um programa obrigatório que deve ser cumprido por pessoas as quais não o construíram, por meio de uma abordagem que não necessariamente escolheram e inscrito em um calendário que não leva em conta como prioridade as demandas dos docentes. A mercadologização da área é um dos principais agentes transformadores de currículos e práticas dentro de sala de aula e isso pode gerar – e tem gerado – uma série de inadequações que acabam caindo no colo dos professores.

Com a entrada de grandes grupos e fundos de investimento, a lógica de operações dentro das instituições educacionais foi modificada no sentido de não focar somente na formação cidadã e escolar de seus discentes, mas para se adequarem às necessidades financeiras, de resultado e gerarem retorno a seus investidores. Esse modelo que, idealmente, preconizaria a qualidade da educação para tê-la como instrumento de propaganda da própria marca, acaba por passar por cima de alguns valores e questões do fulcro educacional, no fito de alcançar resultados da maneira mais eficiente e justificando os meios pelos fins. É lamentável que boa parte dos sistemas de ensino que utilizam desse tipo de material sejam de alguma maneira influenciados por essas necessidades mercadológicas, a fim de “transmitir” a seus clientes a maior quantidade possível de informação no menor prazo exequível, para utilizar faces e resultados desses alunos como material publicitário, o que simboliza, para determinada parcela da população, sucesso e excelência.

3. O Vestibular como norte

Ainda dentro da supracitada obra, Bunzen relata o processo de ascensão e declínio – dentro do intervalo das últimas duas décadas do século XX – das apostilas escolares. Ao examinar tal fenômeno, torna-se evidente a necessidade de entendê-lo não como um fim, mas sim como um meio altamente direcionado para um ponto específico que é o vestibular. As escolas particulares, outrora elogiadas por sua eficiência, passaram a ser formadoras de

exímios vestibulandos. Tanto é que foram encontradas seções intituladas “Aquecendo-se para o vestibular” em apostilas utilizadas em uma turma de sétima série. E, desse modo, como aponta Silva (1998), ocorre a busca desenfreada por práticas milagrosas e autossuficientes, que serão capazes de conduzir o estudante ao sucesso no processo de ingresso à universidade. Conforme exposto no artigo de Bunzen (2001), ratificando as asserções e observações apresentadas, os professores e alunos consultados atribuíram notas baixíssimas – fluuando entre 3 e 6 – para esses apostilados. As principais alegações foram “falta de interação com o aluno” e queixas pela falta de continuidade dos textos, pois são retirados de várias obras, além da má qualidade gráfica, por conta da utilização de fotocópias em preto e branco.

A postura e a escolha por materiais didáticos de apoio não seria, *per se*, um problema preocupante, à medida em que fosse complementado com outros materiais e recursos e tivesse como principal função somente auxiliar no resgate e sumarização de conteúdos. No entanto, esses modelos mais “dinâmicos” e apressados são somente a ponta do *iceberg*. Essas obras estão a serviço da proposta de abordagem em que não se centraliza o aluno ou tampouco o aprendizado, mas sim o vestibular. O objetivo é que, com base em uma análise dos conteúdos que mais aparecem nos vestibulares – e essa análise é atualizada anualmente –, os docentes sejam orientados a transmitir os conceitos e as informações a esses temas pertinentes de forma rápida, permeada por técnicas, macetes e fórmulas que auxiliam a decorar uma gama maior de conteúdos, a fim de que os estudantes possam utilizar todo esse conhecimento no vestibular. Nesse aspecto, é possível deflagrar a união do conceito de educação bancária, no que concerne ao *modus operandi* de enxergar o aluno como um pequeno banco, em que serão depositadas as temáticas específicas para o vestibular, junto à atual interpretação do calendário letivo, que visa à reorganização do ano letivo das séries finais em torno da realização da prova do ENEM e dos exames estaduais e regionais. Desse modo, portanto, a asserção de Carmagnani, em *Ensino apostilado e a venda de novas ilusões*, resume o atual estágio em que se encontram as escolas brasileiras:

O professor é o mediador autorizado das informações contidas no material e o aluno aquele que as acumula. A educação bancária tão criticada por Paulo Freire reaparece nas apostilas de forma mais intensa do que nos LDs [livros didáticos]. (CARMAGNANI, 1999, p. 54)

Além disso, outro importante trabalho que pode ser citado é o de XX. Nessa produção, foi elaborada uma pesquisa sobre o ensino de literatura no ensino fundamental e os desafios implícitos. Como ponto de partida, os professores foram entrevistados.

Em primeiro lugar, questionamos aos professores de ensino fundamental o que eles concebem por literatura. A maioria deles se eximiu

da resposta e as que foram respondidas permearam apenas o entendimento de ler, escrever e objeto artístico, comprovando nossas desconfiâncias de que não está claro para eles o essencial em uma aula de literatura: o lugar que ela deve ocupar a partir de suas delimitações. Ora, se o professor ainda não consegue conceber minimamente para si o que permeia seu objeto de ensino, como esperar que para os alunos e para a escola seja esboçado um lugar da literatura com clareza o que lhe propõem? (SEGABINAZI, 2015, p. 73)

E nessa mesma obra, são observados os comportamentos dos alunos, que apresentaram forte rejeição, e o posicionamento de uma máxima quase unânime entre os entrevistados:

Aqui, destacamos positivamente o fato de prevalecer em todas as falas uma importância dada à participação dos alunos, seja quanto suas opiniões acerca do que querem ler ou do que entenderam das leituras. Um exemplo disso é o que diz uma das professoras: “Os textos escolhidos são os mais engraçados, que tenham nomes que arranquem o sorriso dos alunos; ou textos que cheguem perto da realidade deles.”. Vale dizer que nem sempre apenas situações engraçadas devam ser mostradas aos alunos, já é algum avanço quando a aproximação mediador-leitor se efetiva (SEGABINAZI, 2015, p. 74-75)

Tal levantamento confirma certas impressões comuns que se têm a esse respeito e propõe questionamentos sobre práticas, modelos, abordagens e conteúdos que são trabalhados em prol da Literatura e infere que o presente carrega certas marcas já conhecidas e carece de um futuro mais reflexivo e responsável frente a esses fatores.

4. Os desdobramentos.

Evidentemente, o nosso tempo-espaço sofre uma alteração profunda, à medida que novas técnicas, hábitos e tecnologias evoluem e se dinamizam. Frente a essa asserção e a todo exposto, pode-se inferir que muitos dispositivos e fatores vêm contribuindo para que as aulas da escola de agora não sejam mais tão similares às de alguns – ou muitos – anos atrás, muito por conta das alterações que se implementaram em todo o seu corpo social. Ainda que moldes e paradigmas possam ter permanecido intactos ou com feições preservadas, é notório como a população, sobretudo os mais jovens, apresenta características e demandas novas em um intervalo de tempo cada vez menor.

Mediante a esse processo histórico e social cambiante, é possível vislumbrar que todos os elementos mencionados possuem influência no processo de formação dos docentes. Isto é, desde a escolha pela carreira no magistério até as aulas e os locais onde esse profissional atuará: todos esse percurso também foi modificado. Sem o controle do calendário, da escolha

dos materiais e instruído a uma conduta cada vez mais dinamizada para que se consiga reter a atenção dos discentes por meio de multiletramentos e interdisciplinaridades, o desempenho didático é algo ainda muito “novo” dentro desse cenário, além de estar em plena fase de atualização – o que não acarreta necessariamente boas notícias.

Esse modelo de prescritivismo acoplado à profissão acaba por manifestar-se de formas muito proeminentes e se mescla ao planejamento individual dos professores, principalmente os que estão em início de carreira. Afinal, como apresentado por Huberman (2000: 47), os seis primeiros anos dessa trajetória no magistério se dividem em “entrada” – delimitando a primeira metade – e “estabilização, consolidação do repertório teórico”, que designa os três anos seguintes dentro desse período. Em seguida, já com repertório e posicionamento mais assegurados em anos de experiência, inicia-se a fase de diversificação, ativismo e questionamento. Sumariamente, pode-se entender que, mesmo considerando que esses apontamentos permitem exceções, há um padrão de comportamento claro identificado pelo autor que serve como referência de apoio para estudos e análises sobre a área. Huberman depois complementa

Por outro lado, [...] há uma infinidade de fatores de natureza não maturacionista (não fisiológica, não biológica, não psicológica) que necessariamente influem sobre o indivíduo ao longo da vida, de tal modo que uma “sequência” ou uma “fase” pode resultar simplesmente das expectativas sociais ou da organização do trabalho. (HUBERMAN, 2000, p. 47)

5. Sou professor. E agora?

O horizonte proximal que se exhibe frente aos docentes pode ser considerado um dos mais complexos da realidade brasileira contemporânea. A questão dos multiletramentos, por exemplo, é uma das mais recentes novidades nesse meio e que exige da classe uma atualização – hábito que já é constante e inerente – ainda mais necessária e urgente. No entanto, apesar de todo o avanço e a necessária popularização das condições de trabalho de várias profissões bem como dos debates acerca da saúde mental, tema que tem se mostrado relevante em vários certames da sociedade, a responsabilidade daquele que lida, na maioria dos casos, com crianças e adolescentes é algo que se põe à prova diariamente.

A carreira docente, segundo Cardoso (2017) em *O ciclo de carreira docente no campo das pesquisas brasileiras*, é:

[...] um percurso construído por meio de vivências, onde o professor se desenvolve exercendo influência sobre o ambiente que atua e sendo ao mesmo tempo influenciado por ele. Essa movimentação é marcada por etapas que apresentam características específicas, de acordo com os espaços, os tempos e as condições de trabalho. Esse processo de construção da carreira docente considera os desafios e as exigências da sociedade e também as especificidades que marcam o segmento de ensino no qual o professor atua, a infra estruturada da escola (estrutura física, número de alunos por turma, recursos didáticos, etc.), relação com seus pares e com os alunos.(CARDOSO, 2017, p.1)

E, em consonância ao que se observa em Huberman, os anos iniciais, nos quais ocorre o “tateamento” constante, a fim de encontrar os limites e contornos de um caminho viável para a profissão docente, são de extrema relevância na análise do ser professor.

Sendo assim, aqui pode ser estabelecida uma importante ponte com as primeiras observações deste texto: os desafios na abordagem da Literatura e na proposição de um plano de prática de leitura assídua e produtiva. A preocupação em manter a atenção da turma e controlar os ânimos de diferentes recortes etários adiciona complexidade à tarefa de um profissional que terá de fomentar estímulos e impulsos a diferentes grupos, a fim de incentivá-los e convencê-los de que os conteúdos abordados e as obras apresentadas podem responder com uma riqueza de detalhes à célebre indagação discente: “Mas o que isso vai mudar na minha vida?”.

Atualmente, a partir dos estudos de metodologias ativas e com procedimentos mais delineados, a partir do processo de aprendizagem do que em qualquer outro aspecto, é possível enxergar possibilidades ricas e diversas em torno desse fazer pedagógico. Muito do sucesso dessa empreitada está diretamente relacionado à figura do didata à frente da turma. A busca quase incessante por novas técnicas, estudos, abordagens e fontes deve ser algo valorizado por ocupantes de cargos de coordenação pedagógica e afins, no fito de pluralizar as vias que virão a ser percorridas por seus estudantes. Posto isso, é importante delimitar alguns passos que norteiam as abordagens e que distinguem etapas dentro da atuação docente e da compreensão estudantil.

Uma delas é ensinar a ler; uma das maiores críticas dos professores é de que suas classes “não sabem/não gostam” de ler. A alfabetização é uma das etapas, particularmente, mais belas e, objetivamente, mais importantes no processo educacional de uma pessoa. Além

disso, o letramento e os incentivos à prática da leitura desde muito cedo são fundamentais para desenvolver nos indivíduos a proximidade com essa tarefa. Em consonância a esse raciocínio, pode ser citada a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e divulgada pela organização não governamental Todos pela Educação, acerca dos dados da taxa de alfabetização entre crianças no país, desde o início da pandemia. Evidentemente, com o início da quarentena e da manutenção de regimes de isolamento e distanciamento social, diversos estudantes sofreram fortes impactos em suas vidas escolares e isso pôde ser constatado através da referida pesquisa, cujos dados indicam que houve um aumento de 66% na taxa de analfabetismo, o que representa um contingente de dois milhões e quatrocentas mil crianças, cerca de 40% de toda a população com essa idade. Desta forma, é muito importante explorar as infinitas dimensões que o texto escrito pode apresentar, o que auxiliará também os alunos na compreensão de mundo e de temas mais complexos, para muito além da aula de português ou literatura, de maneira a fortalecer o projeto de formação de leitores e cidadãos críticos e mais conscientes.

O segundo momento diz respeito à manutenção desse hábito da leitura. O cuidado com a escolha das obras e a elaboração de uma proposta detalhada e cuidadosa de acompanhamento da formação leitora são de suma importância. Adolescentes e pré-adolescentes não estão vedados de ler um clássico machadiano, um poema de Camões ou mesmo uma peça de Shakespeare; todos os títulos podem ser privilegiados, desde que haja uma estruturação didática e metodológica orientando esse processo. Tomo como exemplo empírico a experiência que tive enquanto aluno do segundo ano do Ensino Médio, em 2014, quando um professor de Literatura dividiu a sala em grupos e atribuiu um trecho de “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, para que lêssemos, resumíssemos e apresentássemos os resultados perante os colegas. Após essa dinâmica, devíamos representar cenicamente trechos que julgássemos relevantes dentro daquele mesmo recorte e, num terceiro momento, elaborar uma apresentação de *slides*, emulando o papel docente, para apresentar e disponibilizá-los posteriormente para todos. Por fim, houve um debate acerca do enredo e de algumas questões sociais incutidas na trama, a fim de darmos a nossa opinião a esse respeito. Desse modo, trabalhamos diversas dimensões e formas de interpretar a obra e a classe acabou conhecendo, sem saber, a “Pirâmide de Aprendizagem”, de William Glasser – que, apesar de questionada quanto à efetividade de seus resultados e ter sua metodologia bastante criticada, traz consigo alguns fatores que podem ser aproveitados, a despeito dos indicadores estatísticos, tais como a postura mais ativa e participativa da turma, o debate e algumas características em comum com

a estratégia da Sala de Aula Invertida. Contudo, indo na contramão desses pressupostos e ideais de cunho coletivista, vê-se a já mencionada submissão às provas de vestibular e ao uso recorrente de resumos e resenhas que deem conta do mínimo necessário para que alunos e alunas tenham noções superficiais acerca da obra em questão.

Um terceiro momento da análise dessa problemática gira em torno da discussão do fracasso escolar. Nesse caso, voltemos o olhar para a questão da formação de leitores. Conforme designa Rauen, em *Práticas Pedagógicas que estimulam a leitura* (2010),

Discute-se que o fracasso da escola, quanto à formação de leitores, passa pelos mais diversos aspectos, entre eles: pela posição dos livros na escala de valores da tradição cultural, pelo papel que os livros desempenham no sistema educacional, ou ainda, pela própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler. (RAUEN 2010 p. 2)

. Nesse âmbito, ainda pode ser ressaltada sua seguinte indagação: percebe-se que entre o que o educador espera do aluno enquanto leitor e o leitor real que tem sido formado pela escola há uma grande distância, um vazio, esta é a queixa. Neste ponto crucial está a prática, o trabalho pedagógico. A pergunta aqui é: o que acontece no tocante à leitura, que causa um distanciamento tão grande entre o que queremos, esperamos e o que temos, os resultados? Por que dizemos querer um leitor competente, bem formado e temos como resultado leitores funcionais?

É importante ressaltar que a leitura é a base do processo de alfabetização e da formação da cidadania. Nesta perspectiva, cada professor deve ter clareza de que educa e ensina para o desenvolvimento das potencialidades do ser, tanto individual como social. Para isto, é necessário que o professor apresente uma nova postura, buscando o aperfeiçoamento e atualização dos conhecimentos aplicados à leitura e, principalmente, fazendo reflexões sobre o significado do ato de ler. Como resolução possível e já implementada pelo governo do Paraná, tem-se o Programa de Desenvolvimento Educacional, que oportuniza a formação continuada de professores no fito de adequar as práticas desses profissionais às reais demandas e desafios do atual cenário educacional brasileiro.

6. Traçando rotas para “um sonho intenso, um raio vívido”

Em consonância ao afirmado por Zilberman (2008), durante muito tempo, a escola foi algo voltado apenas para as elites, o que acabava facilitando uma acomodação do que se tinha como currículo pensado apenas em difundir as normas e regras da língua padrão e o cânone da literatura. Junto ao processo de redemocratização do Brasil, o desenvolvimento industrial e os intensos movimentos migratórios responsáveis pela crescente urbanização da população, a instituição escolar foi gradativamente se modificando, com o intuito de se adequar a essa nova realidade e a novas demandas e imperativos categóricos. A partir dessa etapa, que envolve principalmente as décadas de 1970 e 1980, novos estudos vão sendo realizados e outras práticas preconizadas, a fim de emancipar a formação leitora dos estudantes de um conteúdo já engessado e distante de seu novo público.

Todavia, é importante ressaltar que a crítica a um currículo estagnado ou às obras clássicas da literatura não se dá sobre o seu conteúdo, mas sim acerca ao formato de abordagem delas. Os grandes escritos e as tramas mais bem-sucedidas têm enorme importância histórica e cultural e não podem ser esquecidos ou censurados nas salas de aula contemporâneas. Talvez, a grande pergunta a se fazer é sobre como falar dessas obras antigas e eruditas sem perder muito o contato com o atual e mais popular.

Desse modo, uma das possíveis formulações para a superação deste problema deve ser iniciada na figura do professor. A mente de um docente está, quase sempre, em contato intenso e intrínseco com seus próprios mestres, suas leituras e seus conteúdos, ao passo que também conflui – ou deveria confluir – com o universo dos discentes, seus hábitos, seus gostos e suas predileções. Por conseguinte, é cabível que, de forma mais ou menos espontânea, esse profissional acabe chegando a um denominador comum entre o dístico de universos relatado. Contudo, é também imprescindível mencionar que esse movimento de adaptação do conteúdo e da linguagem é algo que carece de muito estudo, técnica, didática e maleabilidade, no fito de não se perder da análise aprofundada das obras e dos assuntos correlatos, somente pelo afã de aproximar sua disciplina de seus alunos.

Posto isso, cabe ampliar a análise e as observações sobre as práticas que visam a estimular a leitura com a compreensão bakhtiniana da concepção dialógica da linguagem, segundo a qual são de suma importância os três “participantes” da linguagem – o primeiro é quem tem a iniciativa da comunicação e as intenções a comunicar; o segundo é o texto em si, contendo todas as pistas para orientar o entendimento do terceiro, que é o leitor, cujo trabalho é compreender as pistas deixadas pelo autor e completar o sentido do texto com sua leitura e entendimento de mundo – principalmente em suas implicações escritas, e como isso pode ser relacionado às boas práticas que visam a fomentar o hábito de leitura nas escolas.

Sendo assim, a observação deve ser focada não somente na escolha da obra a ser estudada em sala, mas também em como cada produção pode ser compreendida e quais estratégias seriam mais interessantes para um melhor aproveitamento, por parte dos alunos, dos meandros que serão percorridos naquelas linhas ou versos. Isso porque, em alguns casos, pode ser mais interessante trazer um panorama histórico para situar aquelas ideias, em outros casos já pode se revelar mais relevante uma breve contextualização do autor, suas características e o estilo literário em que se encaixava. Há também oportunidades em que talvez seja mais impactante realizar a leitura primeiro e transmitir informações de bastidores, autores, contextos e planos de fundo em um segundo momento, deixando a potência literária ressoar por si só.

Dentro dessa incursão nas atividades e dinâmicas relacionadas ao primeiro encontro entre obras e leitores em formação escolar, é interessante seguir alguns passos, como os descritos e prescritos por Rauen (2010). Nessa toada, um primeiro olhar deve ser sobre a refletir a leitura no processo educacional: os alunos podem participar desse processo, pois eles possuem opiniões, gostos, aptidões e traumas que foram em grande parte construídos em suas vivências escolares. Saber o que eles pensam, do que sabem e o que lembram sobre a leitura na escola pode ser fundamental para uma construção de aula, para escolha de obras ou mesmo para modificar a proposta de abordagem daquele docente ou mesmo daquela instituição. A leitura, com o perdão do trocadilho, que os estudantes fazem do próprio processo de aprendizagem e prática de leitura pode ser, sim, levado em conta, justamente no intuito de compreender as demandas e carências de um grupo, e não de um universo impessoal. Nesse sentido, cabe a definição de Solé na obra *Estratégias de leitura*:

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias (SOLÉ, 1998, p. 23).

Além disso, há uma análise na obra *A arte de ler*, de Morais (1996), que complementa a supracitada asserção:

Não lemos todos um mesmo texto da mesma maneira. Há leituras respeitadas, analíticas, leituras para ouvir as palavras e as frases, leituras para reescrever, imaginar, sonhar, leituras narcisistas em que se procura a si mesmo, leituras mágicas em que seres e sentimentos inesperados se materializam e saltam diante de nossos olhos espantados (MORAIS, 1996, p. 13).

Portanto, um olhar que reflita a sociedade e a realidade vivenciadas por uma turma vai diferir, em menor ou maior grau, os olhares de outras turmas. Desse modo, a atenção do docente e uma maior interação com os alunos sob essas condições, tanto de forma projetada pelo próprio como recolhida por meio de diálogos com seus discentes, poderá ser de grande utilidade no que diz respeito à aproximação entre o currículo e suas abordagens sobre a Literatura e suas produções, no momento da aula. A ideia não é, de forma alguma, traçar essa estratégia como uma receita de sucesso para a boa apreensão de conteúdos, muito menos utilizá-la inadvertidamente no país todo. Trata-se de uma possibilidade cujo objetivo é somar esforços e diversificar recursos, para que os problemas envolvendo as obras literárias e os estudantes não ocorram de maneira satisfatória somente por falta de alternativas pedagógicas. Como Lajolo (2003) comenta em *A importância do ato de ler* sobre Paulo Freire:

Para Paulo Freire, leitura boa é a leitura que nos empurra para a vida, que nos leva para dentro do mundo que nos interessa viver. E para que a leitura desempenhe esse papel, é fundamental que o ato de leitura e aquilo que se lê façam sentido para quem está lendo. Ler, assim, para Paulo Freire, é uma forma de estar no mundo (LAJOLO, 2003, p. 5).

Em suma, o ponto defendido por Rauen é de extrema relevância para a compreensão dessas ideias e para a confirmação da importância de todo esse debate paradigmático.

A leitura não é somente a apropriação do ato de ler e escrever; ela envolve o domínio de um conjunto de práticas culturais que exigem uma compreensão de mundo diferente daquela dos que não têm acesso à mesma. Ela tem um papel tão significativo na sociedade que podemos dizer que cria novas identidades, novas formas de inserção social.

Assim, faz-se necessário que nos conscientizemos enquanto educadores, da enorme responsabilidade diante da importância da leitura para a vida individual, social e cultural do ser humano. É obrigação da escola valorizar o livro, não como objeto para ser guardado na estante, mas para ser manuseado e lido. (RAUEN, 2010, p.10)

Um outro tópico que em muito pode contribuir para o estabelecimento de novas práticas nesse sentido gira em torno de uma antiga pauta da educação, que disserta sobre a união de professores para a elaboração de uma proposta mais aprofundada nas questões que dizem respeito a seus alunos em comum. Os espaços destinados aos docentes, como a sala dos professores, podem ser mais do que um local de respiro e intervalo entre períodos. Pode ser um espaço de conclave de ideias, de trocas, de discussões e de trabalho em equipe efetivo, não só no sentido de administrar melhor uma ou outra classe, mas também de auxílio conjunto para revisar, refletir e aprimorar as posturas e condutas frente ao alunado. A boa organização da equipe de uma disciplina culmina em uma simplificada e facilitada

organização individual de seus componentes. Nesse aspecto, é algo central afirmar que esses diálogos são também de grande relevância para que o docente tenha um desenho mais nítido de seus estudantes e consiga elaborar novas práticas, testá-las e avaliá-las com seus pares a fim de obter um resultado mais próximo do ideal. Essas trocas seriam de grande valia para o andamento do ano letivo e também para estimular o professor a desenvolver seus próprios materiais, voltados especificamente para uma turma ou um conjunto de turmas em determinado contexto. Algo que pode nascer no atual conceito dos conselhos de classe mas alçar voos muito mais altos.

7. Proposição.

Na medida em que é necessário criticar ou questionar os valores e práticas pedagógicas vigentes, também é importante propor ideias e abordagens que possam solucionar os seus pontos cegos. Nesse sentido, a implementação de novas formas de ensinagem é algo que se vê em várias salas de aula do país e que tem sido algo fomentado em muitos centros formadores de professores, já há algum tempo. Nesse intuito, alguns conceitos e métodos já conhecidos na pedagogia devem ser mais explorados pelos docentes de Literatura e Língua, no geral, de modo a fomentar o gosto pela área de linguagens e provocar a atenção dos estudantes.

Uma das possibilidades iniciais é permitir que as leituras que os discentes fizeram sejam prestigiadas. Desde a afixação de resumos e resenhas nas paredes das salas – ou mesmo a destinação de uma área com essa finalidade em murais digitais – até à proposição de debates acerca de uma passagem, uma obra literária ou um autor. A materialidade é algo que pode ser mais valorizado nesse âmbito, pois concretiza falas e comprova a intenção original do projeto.

Há, para além do espaço da sala de aula, outras medidas que, se forem sobretudo instauradas em conjunto, podem ser fator preponderante dentro do atual cenário. O investimento na criação ou na melhoria de bibliotecas é componente desse plano. A disponibilização de exemplares das obras tratadas durante o período letivo, bem como a de outros gêneros textuais, é algo muito motivador. Na 5ª edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Instituto Pró-Livro - IPL, Itaú Cultural e IBOPE Inteligência, 2020), pôde-se averiguar que os três locais em que mais se costuma ler livros são, respectivamente, em casa, na sala de aula e em bibliotecas – sendo que esse último espaço é dividido em escolares

(maioria), públicas e comunitárias. Ou seja, articulando esses dados com a prática educacional, ao investir em maior fomento dentro de sala de aula e investindo em estruturação de bibliotecas escolares – que podem emprestar livros aos estudantes – contempla-se esse “pódio” de forma integrada e se promove o estabelecimento de uma rede de possibilidades as quais oportunizarão a escolha de um espaço mais adequado às necessidades dos leitores.

Quando se analisam esses dados frente ao resultado obtido a partir da pergunta sobre as principais formas de acesso aos livros, a importância desse investimento se torna ainda maior: o empréstimo de obras por bibliotecas é apenas o quarto formato mais comum de acesso; atrás de aquisições próprias (em lojas físicas ou na internet), presentes e empréstimos de amigos ou familiares. O dado evidencia, portanto, que as bibliotecas são formas importantes de acessar a leitura, mas não os livros, o que pode parecer paradoxal; mas, quando a análise também leva em conta as razões que fariam com que esses números aumentassem, tem-se o fator “ter mais livros/livros novos” liderando o *ranking*, seguido por “ter títulos interessantes ou que me agradam”, “ser mais próxima de casa ou de fácil acesso” e “ter atividades culturais”. Diante do exposto, é perceptível que medidas que incluam a sociedade civil, de modo geral, e a comunidade escolar, em particular, deveriam ser mais prestigiadas para que a leitura seja uma atividade mais popular. Com os resultados desse levantamento, é possível traçar inúmeros projetos sociais que incentivem esse hábito, a partir de uma estrutura mais ampla, vasta e diversificada de oferta de livros.

Voltando novamente o olhar para dentro de sala, para as abordagens pedagógicas que podem influenciar nos resultados das próximas pesquisas, um passo inicial que precisa ser dado é a revisão do conceito de leitura que tem sido base desde os PCNs e, agora, na BNCC. É importante salientar que, como disse Paulo Freire, a leitura boa é a que nos leva para a vida, que nos empurra; sendo assim, um estudo crítico e coletivo acerca das obras e das primeiras abordagens é crucial para definir pontos de partida mais humanizados e que levem em conta a realidade local, social e circunstancial de cada turma e cada escola. Em seguida, pensar uma sala de aula com estímulos positivos, com metodologias ativas e, até mesmo, ambientações que remetam às leituras podem ser estratégias válidas. A partir desse momento, a figura docente se encarrega das demais manutenções e provocações que devem ser feitas. Nesse sentido, pode-se entender que

O gosto pela leitura é despertado pelo próprio entusiasmo do professor que incentiva o aluno ao aproximar-se dos livros. Ou seja, para formar leitores, é preciso que o mediador desse processo se interesse por

livros de tipos variados e que compartilhe suas descobertas e aprendizagens.(RAUEN, 2010, p. 17)

Dentro desse mesmo trabalho, Rauen retoma os processos que nortearam sua visão e projeta uma indicação a ser feita no futuro e que já aparece “apontando na reta” da atual e das próximas gerações de docentes.

Sugere-se, por exemplo, a análise de uma forma contemporânea de leitura, a da Internet. Essa leitura, na sociedade global, tem vários aspectos que precisam ser apreendidos como: os fragmentos e efemeridades da informação, a competência para selecionar as leituras evitando a sobrecarga de informações, a troca de identidades e de responsabilidades no ambiente da Sociedade da Informação e o domínio das linguagens e das tecnologias digitais.(RAUEN, 2010, p. 29)

8. A postura do professor enquanto fator ativo.

A partir do momento em que a porta da sala se fecha e o fenômeno “aula” se faz presente nesse padrão prototípico, é de extrema relevância imaginar como deve operar cada engrenagem dessa estrutura. Nesse sentido, é importante levar em conta um papel de entrega e disposição ativa do docente para reger os acontecimentos que se darão dentro desse espaço. A apresentação expositiva de conteúdos canônicos e conceitos técnicos, a elaboração de atividades de aferição ou fixação ou ainda a proposição de atividades mais dinâmicas e interativas, que contam efusivamente com a participação do grupo discente, são possibilidades que estão a cargo dessa figura. Todavia, quando os olhares estão voltados – ou pressupõe-se que estejam – à sua pessoa, é importante aproveitar a atenção de forma bastante ativa para que a manutenção do acompanhamento seja estabelecida sem dificuldades. Dentro desse certame, é possível imaginar que o docente de Literatura, por tratar normalmente de obras já escritas, publicadas e “fechadas”, não teria tanta capacidade de modificar o assunto a

partir de seu repertório; entretanto, essa suposição pode ser refutada com base em uma postura performática e ativa dentro das linhas e versos que comporão uma eventual aula.

Para ilustrar esse movimento, inicio a proposição de sequência didática que terá os pressupostos já expostos como base teórica e contextual para a elaboração desse plano de aulas. O itinerário formativo a ser seguido parte de uma abordagem interpessoal, evocando nos discentes as suas particulares visões acerca do tema, e se finda em um momento de produção própria, com base em modelos já consagrados da Literatura, passando crucialmente por uma fase de leitura dinâmica de textos para dar vida às letras.

Esse projeto se destina a turmas de ensino médio, preferencialmente no primeiro ou no segundo ano, e pode ser implementado como forma de compreender as figuras de linguagem (no caso de ser atribuído a uma turma de primeira série) ou como atividade de incursão no estilo simbolista e suas manifestações no Brasil, no caso de ser levado a salas do segundo ano. A obra em questão é “Violões que Choram”, de Cruz e Sousa.

A primeira aula deve ser um momento de indagação e de interação, a fim de averiguar a intimidade dos estudantes com as figuras de linguagem de ordem fonética. A partir das respostas, pode-se ainda aprofundar esse questionamento ao perguntar por exemplos – ainda que não sejam citados nomes ou classificações, mas somente as manifestações dessas figuras. Em seguida, deve ser apresentado o poema em questão para leitura silenciosa dos discentes, de modo que possam conhecer os meandros interpretativos que serão percorridos dali em diante. Após esse momento, eventuais comentários e dúvidas sobre a obra devem ser provocados pelo professor para que, após a resposta, o texto seja lido por ele e acompanhado visualmente por todos na sala. Esse é o momento que exige maior cautela, pois é de suma importância que o poema seja lido com ritmo adequado e dando os devidos destaques às figuras que ali estão presentes, uma vez que na leitura silenciosa esses detalhes são menos perceptíveis. Assim, se finda a primeira etapa dessa leitura expressiva, visto que a extensão do poema não permitirá que essa sucessão de gestos dure menos de quarenta minutos.

Já na aula seguinte, idealmente em um horário próximo, o primeiro momento tem de ser de retomada das interações feitas pelos alunos, de modo a reavivar as interpretações e inquietações apresentadas para que, finalmente, o poema seja lido na íntegra pelo docente. A estrutura predominantemente em quartetos que ostenta rimas alternadas deve ser o principal enfoque nesse passo, pois é nessas características que o poema se dá à profundidade de análise, na medida em que a cada nova quadra se permite avançar dentro da realidade particular dessa obra. O tom pessimista, as notas funéreas e mórbidas do Simbolismo se alternam com sinestésias e descrições de extrema singeleza. Os jogos de palavras – como

"trêmulas" e as fortes presenças de consoantes – são preciosidades linguísticas a se enfatizarem durante a leitura, dando cada vez mais riqueza à obra. Em seguida, com a leitura do poema finalizada, os estudantes devem ser convidados – sobretudo aqueles que participaram de forma mais ativa na primeira leitura – a comentarem sobre suas perspectivas em relação ao texto neste novo momento, depois da leitura em voz alta e ritmada já concluída.

Daí em diante, o professor deve chamar a atenção dos alunos para a sucessão de comparações, levando-os a ponderar se as aliterações que ali estão podem ser correlacionadas a outras. Deve-se perguntar onde já viram recursos parecidos sendo empregados e o que pode representar a sucessão de sons de “v” e “z” no seguinte trecho:

Vozes veladas, veludosas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

O movimento dos dedos no violão e o som correspondente que será gerado são possíveis explicações para tal fenômeno fonético. Cabe ao docente progredir com sua própria interpretação deste quarteto e ainda pedir aos alunos novas justificativas para o recorrente uso do fonema “v”. O exercício de comparação entre aliterações e assonâncias também deve ser incentivado, tal qual a extensão do olhar para outras figuras de linguagem, que contemplem a contraposição de ideias, a fim de que os alunos percebam nas sinestésias construções de sentido multidimensionais que podem ser postas ao lado da contraposição entre vida e morte que tanto permeia o Simbolismo e o referido poema. Essa fase finaliza o processo de leitura e interpretação do texto poético, assim como já estabelece, no alto da incursão de docente e discentes pelo poema, a próxima etapa: a produção textual.

Posterior à análise mais racional e científica supracitada, é chegada a hora de virar o olhar do quadro para o caderno. O regente da turma deve propor que os alunos identifiquem no texto suas estrofes ou versos favoritos e os transcrevam em suas folhas: essa tarefa pode ser elaborada em duplas ou trios, promovendo um debate para que seja estabelecida a seleção final. Tal eleição deve vir acompanhada de breves parágrafos que justifiquem tal escolha e tornem esse processo mais transparente. Com isso, já terão sido provocadas as habilidades de leitura, discussão, identificação de conceitos e recursos técnicos, além da argumentação em defesa de um ponto de vista. E, sem parar por aí, a tarefa que encerra o itinerário deve ser atribuída para que, na aula seguinte, ou em outro momento oportuno, os alunos – dentro das

mesmas duplas ou trios – construam uma paródia ou uma releitura do poema de Cruz e Sousa, não mais partindo da poesia do simbolista, mas sim do compêndio por eles mesmos estabelecido. Produções orais que se aproximem do *rap* ou do *slam poetry* devem ser citadas como possibilidades, assim como cordéis ou mesmo novos poemas. Os gêneros que serão escolhidos ficam a cargo de cada grupo, mas a oralidade, o ritmo e a recursividade fonética são fatores obrigatórios para a realização dessa atividade. Por fim, os trabalhos apresentados podem ser levados a novas instâncias dentro da própria escola, sendo elas performadas pelos alunos ou expostas em murais – essas condições devem ser de responsabilidade do docente, para que se leve em conta todo o contexto em que sua turma está inserida na sociedade, na infraestrutura da escola e até mesmo dentro das limitações do calendário letivo.

Resumidamente, o intuito de fomentar habilidades comunicativas pautadas na oralidade é um dos principais motivos para a realização da atividade anteriormente descrita. Há, como se pode perceber analisando os currículos vigentes, ainda poucos momentos em que se pode efetivamente trabalhar gêneros orais dentro das salas de aula da educação básica. Todavia, acompanhando as constantes reformas que se sucedem nas escolas, é de suma relevância que mais tarefas deste tipo sejam executadas e idealizadas, pensando em complementar essa carência. Tradições orais, com a de muitas aldeias e povos indígenas, sofreram devastador apagamento, à medida em que os bastiões dessa cultura faleciam sem conseguir deixar todos os conhecimentos e histórias para seus sucessores; a ancestralidade desses grupos acabou se perdendo ou ficando muito restrita e cerceada. Casos similares ocorreram em torno do globo e podem projetar um questionamento a respeito das ironias dos tempos contemporâneos, em que cada vez mais há digitalizações e versões virtuais – até mesmo metaversos –, mas não há registros simples de culturas que podem se extinguir em um futuro próximo. As tecnologias obtidas a partir de trabalhos conjuntos de indivíduos e instituições multifacetadas étnica e nacionalmente acabam por não ressoar, no que se refere a esses povos nativos que agonizam em logradouros que essa modernidade não alcança – ou não se empenha muito em alcançar.

Um outro olhar que pode ser compreendido paralelamente a esse fenômeno é observado na obra “O papel da literatura na escola”:

Outras mudanças fizeram-se igualmente notar no Brasil do século XXI: a globalização e o neoliberalismo impuseram novas formas de financiamento da cultura, visto que o Estado, em muitas ocasiões, deixa-a ao desamparo. Por outro lado, obsolesceram críticas, como as emanadas dos pensadores associados à Escola de Frankfurt, condenando a indústria cultural e seus subprodutos, como os *best-sellers*, as histórias em quadrinho, a novela de

televisão, ou as manifestações populares, como o cordel, o *funk*, o *rap* e o *hip hop*, expressões muitas vezes anônimas, como o causo, no meio rural, o grafite, no cenário urbano, e a *fanfiction*, no ambiente digital.(ZILBERMAN, 2008, p.14)

Tudo o que mudou parece ter mudado para melhor – menos a escola, com algumas consequências: a aprendizagem dos alunos, a situação do professor, as políticas públicas dirigidas à educação, sem mencionar as condições de trabalho, onde predomina a insegurança, e o espaço físico das salas de aula, degradado e degradante. Onde deveria reinar a mesma euforia, predominam a desolação, o desestímulo, os sentimentos de decepção e de fracasso.

Em outras palavras, o cenário nacional passou por diversas metamorfoses, envolvendo técnicas, mecanismos e saberes que parecem não dialogar efetivamente com a história brasileira. Indígenas que foram cruelmente explorados, africanos que foram impositivamente retirados de seus países e de suas próprias realidades sociais e escravizados ou mesmos povos já nascidos com o “título” de brasileiros têm sofrido apagamentos que influenciam muito na forma com que descendentes desses e de outros grupos enxergam o passo construtor da(s) identidade(s) nacional(is).

9. Considerações finais

Sob a luz de todas essas perspectivas e análises, é imprescindível levar em conta a importância de ensinar a leitura como um prisma em que se encontram o prazer, a arte, a informação, a cultura, a identificação e muitas outras possibilidades. O gosto pela leitura pode ser desenvolvido por meio de uma ou de várias dessas disposições. É o docente, por conseguinte, o endossador de medidas que propiciarão a efetividade desses termos.

É importante, outrossim, destacar que esse papel de destaque não deve ser confundido com um lugar de responsabilidade máxima, solitário e desamparado. Há de se criar, em torno da figura do professor, uma rede de proteção com mais nós – portanto, mais firme – e que consiga protegê-lo de inseguranças menos diretas ao ato de ensinar. Inseguranças que o acometem por conta de sua idade, classe, cor, sexo, religião ou mesmo sexualidade. Os

debates no campo da educação precisam, com certo grau de celeridade, alcançar as comunidades escolares e todos os envolvidos nessas composições. Há, hoje, no Brasil, um certo cerceamento dessas discussões, já que os próprios professores acabam por ouvir e falar somente com seus pares, enquanto pais, responsáveis, ocupantes de cargos políticos parecem, em muitas ocorrências, alheios a tudo isso, seja por desconhecimento da realidade escolar, seja por não terem sido convidados a debater tais questões.

Para transformar em públicas as pautas da educação e da leitura, é preciso ter em mente alguns aspectos; como aponta “Literatura Infantil: um olhar sobre o ensino e a pesquisa”

Estudar a leitura da literatura, seja ela para crianças ou não, é, em última análise, estudar como o homem se relaciona com os demais e com o seu meio. Isso faz com que o profissional encontre meios adequados até para a difusão dos próprios textos em sala de aula. Assim, buscam-se novos métodos e suportes textuais para satisfazer às necessidades dos curiosos internautas de hoje. (GREGORIN FILHO, 2008, p. 8)

Analogamente, é preciso levar em conta, também, a *anima* desses profissionais. Trabalhar as futuras gerações de professores por meio das suas próprias carências, testemunhadas ainda quando eram alunos da educação básica, é uma das possibilidades. Mas, ainda que seja um trabalho válido, sempre será um exercício de uma geração correndo atrás do “prejuízo”. Um projeto que objetive promover uma grande reflexão e levar essas potencialidades a campo é o que, talvez, possa mudar o panorama educacional do Brasil. Valorizar o labor desta classe passa também por investir na infraestrutura das escolas, por reconhecer a relevância de coordenadores, diretores, orientadores pedagógicos e muitos outros profissionais da Educação que circundam as salas de aula. Além de uma revisão financeira, é crucial também levar em conta os conteúdos programáticos, as metodologias recomendadas e as bases comuns de currículo.

Dessa forma, ter-se-á menos problemas da porta para fora, e os esforços poderiam se voltar gradualmente a debates mais bem fundamentados e mais sofisticados, girando em torno de questões sobre como escolher abordagens educacionais que possam funcionar melhor em cada contexto. Em suma, melhorar questões externas à sala de aula permite que os debates acerca do que acontecerá dentro dela possa demandar mais energia e empenho dos profissionais capacitados e também capacitar cada vez mais os agentes educacionais para esse cenário. Que questões como a performance mais ativa e incisiva em sala de aula possam ser mais detalhadas e aplicadas mais numerosamente em todo o território nacional.

REFERÊNCIAS

- BUNZEN, Clécio. G. R. P. do. *Gramática na sala de aula: algumas reflexões sobre o ensino dos substantivos*. Letras, [S. l.], n. 58, p. 249–276, 2019. DOI: 10.5902/2176148537990. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/37990>. Acesso em: 14 set. 2021
- BUNZEN, Clecio. *O antigo e o novo testamento: livro didático e apostila escolar*. Ao pé da letra, v. 3, n. 1, p. 35-46, 2001.
- CARDOSO, Solange. *O ciclo de carreira docente no campo das pesquisas brasileiras*. Disponível em http://anaisbr2017.redeestrado.org/files/abstracts/000/000/231/original/Trabalho_completo.pdf. Acesso em 13 set. 2021.
- CARMAGNANI, Ana Maria. *Ensino apostilado e a venda de novas ilusões*. In: Coracini, org. *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira*. Campinas, Pontes. 1999.
- DAUSTER, Tania. *Um outro olhar: entre a antropologia e a educação*. Cadernos Cedes, v. 18, p. 38-45, 1997.
- FREIRE, Paulo. *A Educação na Cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.p. 58.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura para crianças e jovens: panorama de linhas investigativas*. Via Atlântica, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 35-44, 2008. DOI: 10.11606/va.v0i14.50378. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50378>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *5ª. Edição da Retratos da Leitura no Brasil*, 2020. Disponível em <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em 01 out. 2022.
- HUBERMAN, Michael. *O ciclo de vida profissional dos professores*. In: NÓVOA, António. (Org). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto, 2000.
- LAJOLO, Marisa (Org.) *A importância do ato de ler*. São Paulo: Moderna, 2003.
- MORAIS, José. *A arte de ler*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- RAUEN, Adriana Regina Feltrin. *Práticas pedagógicas que estimulam a leitura*. São Paulo 2010. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/390-4.pdf>. Acesso em 15 set. 2021.
- SEGABINAZI, Daniela Maria. O ENSINO DE LITERATURA CONTINUA EM PERIGO.. Revista Língua & Literatura, v. 17, n. 30, p. 63-78, 2015.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Ainda sobre o sem-fim dos didáticos*. In: *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas, Mercado de Letras, 1998.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina.. *O papel da Literatura na escola*. Via Atlântica, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 11-22, 2008. DOI: 10.11606/va.v0i14.50376. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>. Acesso em: 14 set. 2021.